



BARCO  
A VAPOR

# **A conta-gotas**

Ana Carolina Carvalho





*Agradeço a Regina Gulla pela  
leitura atenta e pelas sugestões.*

*Para minha mãe, pela presença.  
Para Marina, minha afilhada, que  
quis ler o livro desde o começo.*



# • 1

A IMAGEM DO CONTA-GOTAS veio em uma quinta-feira de manhã durante a aula de laboratório. Eu tinha onze anos. Surgiu nítida, clara, tão azulada como a solução que deveríamos pingar no experimento. Brotou em meio aos aventais brancos e às mãos cuidadosas, os dedos tremendo com medo de errar a dose.

— Laboratório é assim, gente, tem que ter paciência, precisão, calma... E persistência, muita persistência. Se bem que isso também vale pra vida de todos nós... — instruía a professora Amélia.

No meu grupo estavam o Rafael e a Ana Luiza. Acho que era a mão dela que tremia. Os olhos dele meio contando as gotas, meio gostando da Ana.

A conta-gotas.

Pacientemente.

Com persistência.

Foi desse modo que conheci minha mãe. Em mínimas doses, e não como qualquer criança conhece a sua. Ou, pelo menos, como eu pensava que mãe e filha

deveriam se conhecer: em uma convivência diária, intensa. Sempre achei que fosse assim. Sempre quis que fosse assim. Mas, para mim, o caminho foi outro.

O jeito da minha mãe, seu rosto, seus gostos e até seu nome — tudo o que era dela, o que ela era, me foi revelado aos poucos. Era como se minha mãe não quisesse que eu a conhecesse. Ela e quase todos à minha volta — meu pai e minha avó, principalmente.

E por muito tempo eu quis saber.

## • 2

MINHA MÃE FOI EMBORA DE CASA quando eu era bem pequena. Para descobrir qualquer coisa sobre ela, tive que me virar. Precisei montar o quebra-cabeça por conta própria, nas brechas de conversas, nos rabos de olho, nos “não fala isso na frente da menina” (a menina sendo eu, claro).

Como no dia em que deparei com minha mãe no rosto fechado do meu pai, exatamente em uma ruga no canto da boca. “Tá pensando na minha mãe, pai?”, tive vontade de perguntar, mas achei melhor ficar quieta. Depois disso, passei a notar a presença dela nos silêncios dele. Muitas e muitas vezes. Também comecei a buscá-la no espelho, tentando descobrir o que em mim era dela. Quem sabe apareceria em uma brecha de olhar, em um soslaio, em um sorriso... nos segredos da imagem refletida.

Mais um pouco da minha mãe eu fui descobrindo nas conversas segredadas entre minha avó e suas amigas. Ela me buscava no colégio e íamos para sua casa, onde eu almoçava e ficava até o final do dia.

Numa daquelas tantas tardes espichadas por lá, eu fazia lição na mesa de jantar, como de costume mantendo um ouvido no relógio de parede antigo e outro no que ela e a amiga conversavam. Tentava disfarçar a curiosidade caprichando no desenho quando de repente escutei:

— E aquela mulher, nunca mais voltou?

A ponta do lápis quebrou. “Aquele mulher?!” Aquela mulher, ela... Só podia ser minha mãe! Agucei os ouvidos.

— E seu filho não se interessou por mais ninguém?

“Meu pai com outra mulher?” Então isso podia acontecer... De repente, o desenho ficou feio.

O cheiro da sua loção de barba veio à memória. Fiquei com saudade daquele tempo. Era o perfume que eu sentia quando ele me levava no colo até a garagem. Eu era pequena, mas já sabia andar, e, mesmo assim, meu pai me carregava. Uma cumplicidade nossa. Minha mãe ausente, o pai só para mim.



## • 3

O QUE SERÁ QUE MEUS OLHOS VIRAM quando minha mãe me pegou nos braços pela primeira vez? Eu era louca para saber isso. E também para poder sentir seu cheiro novamente.

Que mulher era aquela, com sua bebezinha no colo e, provavelmente, o olhar perdido em alguma janela, imaginando saídas para a vida em que se metera? Ah, como eu ansiava por uma brecha naquela janela! Queria ver a cena congelada por uma fresta, sem jogos de adivinha com os olhos dos outros, sem ter que recorrer à ruga do pai, às conversas segredadas da avó... Desejava conhecer a voz e o rosto da minha mãe. Vê-la cara a cara.

Mas eu nunca tinha visto nenhuma foto dela, nem pequena nem grande. Não havia imagens, apenas minha imaginação. Devia ser assim antes da invenção da fotografia. As pessoas apenas intuindo como teriam sido seus antepassados...

Comigo isso aconteceu quando eu ainda era bebê, numa tarde em que minha avó, em meio a um ataque

de fúria por me ver chorando sem parar no colo do meu pai, rasgou as fotos da minha mãe e mandou embora os objetos que haviam sido dela. Acho que foi uma tentativa de fazê-la sumir e acabar com todo o sofrimento da sua passagem em casa. Mas, no fundo, ela sabia o quanto todos nós estávamos marcados para sempre pela presença dela.

Tomar conhecimento dessa tarde me atormentou por muito tempo. Odiei ter chorado daquela maneira. Odiei a fúria da minha avó. E até odiei (mas não tanto) a tristeza do meu pai e sua falta de jeito em me consolar. Odiei saber dessas coisas.